



“O DIABO É COMUNISTA”: POLÍTICA E EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA DO EVANGELICALISMO BRASILEIRO

“THE DEVIL IS A COMMUNIST”: POLITICS AND EDUCATION FROM THE PERSPECTIVE OF BRAZILIAN EVANGELICALISM

Ivandro Pinto de Menezes¹

Resumo: O artigo investiga como o comunismo é associado ao diabo no evangelicalismo brasileiro contemporâneo. A partir de observações etnográficas em uma congregação presbiteriana durante as eleições de 2018, analisa-se como categorias políticas, como “comunista” e “esquerdopata”, adquirem função semelhante a termos teológicos, como “herege”. Discute-se o papel do diabo como símbolo que organiza fronteiras morais e espirituais, delimitando o “nós” dos fiéis contra o “outro” do mundo. Também se examina a percepção das universidades como ameaça à fé cristã, revelando tensões entre religião e conhecimento secular. Conclui-se que o comunismo é construído não apenas como ideologia política, mas como perigo espiritual e escatológico, reforçando um *ethos* beligerante na experiência evangélica brasileira.

Palavras-chave: Evangelicalismo; Comunismo; Diabo; Política; Universidades.

Abstract: The article investigates how communism is associated with the devil in contemporary Brazilian evangelicalism. Based on ethnographic observations in a Presbyterian congregation during the 2018 elections, it analyzes how political categories such as “communist” and “leftist” take on functions similar to theological terms like “heretic.” The study discusses the role of the devil as a symbol that shapes moral and spiritual boundaries, defining the “us” of believers against the “other” of the world. It also examines universities as perceived threats to Christian faith, exposing tensions between religion and secular knowledge. The article concludes that communism is constructed not only as a political ideology but also as a spiritual and eschatological threat, reinforcing a belligerent ethos within Brazilian evangelical experience.

Keywords: Evangelicalism; Communism; Devil; Politics; Universities.

1 Introdução

Num domingo pela manhã, um pouco antes da eleição presidencial de 2018, sob um clima pesado numa congregação da Igreja Presbiteriana do Brasil, em uma pequena cidade do interior nordestino, causado pela divisão entre os que apoiavam Jair Messias Bolsonaro e os que a ele se opunham, durante uma aula da Escola Bíblica Dominical, na sala de solteiros, que inclui pessoas divorciadas e viúvas, quando ouvimos “O diabo é comunista!”.

A aula tratava de um dos capítulos do livro *Tomando decisões segundo a vontade de Deus*, escrito pelo pastor e teólogo reformado Heber Campos Jr., publicado pela

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG). Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Paulo Afonso, Bahia. E-mail: ivpmenezes@uneb.br



Editora Fiel, quando entre as explicações surgiu uma pergunta sobre política. Laurinha, uma das alunas, queixou-se sobre como se sentia constrangida, tratada como burra ou coisa assim, porque escolheu votar em Bolsonaro. Outros alunos falaram sobre seus posicionamentos, e aqueles que votariam em Haddad expuseram o modo como se sentiam coagidos, pressionados, acusados de serem menos cristãos que aqueles que optaram por Bolsonaro.

O professor buscou pontuar que a espiritualidade não é de direita, nem de esquerda. Arguiu que tanto à direita quanto à esquerda é possível se vislumbrar aspectos do Evangelho, porque o Evangelho nem é de direita nem de esquerda. Explicou, com base na carta de Paulo aos Romanos, que se trata de graça comum, da revelação divina por meio do cosmo e da percepção moral de cada indivíduo. *“Homens como Charles Darwin e Karl Marx”, salientou, “tiveram essa revelação, mas distorceram a verdade do Evangelho buscando ir além, acrescentando à revelação aquilo que não lhe foi dado por Deus. No caso do primeiro, a macro evolução, e do segundo, a ideia de ser possível viver um paraíso na terra”. Acrescentou: “A discrepância entre o marxismo e o cristianismo não está na ideia de revolução ou de comunitarismo, mas no fato de que ambos são escatológicos. Um crê no paraíso celeste e o outro num terreno”, explicou-lhes o professor.*

Logo após explicar, o missionário André, um homem preto, solteiro, na casa dos cinquenta anos, apesar de não ser membro daquela congregação, frequentava a sala dos solteiros na Escola Bíblica Dominical, comentou, em um misto do que me pareceu ingenuidade e frustração, sobre um problema que provocou em um dado grupo de *WhatsApp*, ferramenta recém-apresentada a ele e, segundo relatou, não entendia bem o funcionamento.

Ao alterar o nome do grupo de *Cristãos de Direita* para *Servos de Cristo* causou alvoroço e indignação entre os membros do grupo, vindo a ser repreendido pelo pastor da igreja em que atuava como missionário, inclusive sob o risco de perder o apoio financeiro recebido. “Sabe, professor, não consigo entender por que ficaram tão ofendidos. A Bíblia diz que a nossa verdadeira pátria é o céu”, lamentou.

Tinha conhecimento da existência do grupo que congregava cristãos protestantes de diversas denominações da cidade, com pentecostais, neopentecostais, tradicionais e reformados. Seus membros, conforme apurado, eram de diferentes profissões, etnias e renda, todos homens cisgêneros, declaradamente heterossexuais e apoiadores de Jair Messias Bolsonaro. Conheci alguns de seus membros e suspeitava da participação de



alguns outros, por ouvi-los mencionar direta ou indiretamente conteúdos veiculados no grupo. Contudo, aquela foi a primeira vez que ouvi mencionar abertamente sobre sua existência, em especial, a partir de um conflito.

Perguntei a André sobre as conversas no grupo. De modo objetivo e resumido, listou temas difusos, distintos e convergentes. Difusos por congregar temas variados com fontes e pessoas distintas, sem origem comum ou hierarquia visível; distintos, por tratarem de temas diversos, de política externa a questões morais, a exemplo dos perigos da ideologia de gênero nas escolas e universidades, principalmente as públicas, que tentavam “normalizar o homossexualismo” por meio da estimulação sexual, desde a infância, de crianças; a “mamadeira de piroca” e o kit gay que o PT queria distribuir nas escolas; a bolivarização do Brasil; a descriminalização do aborto; o casamento gay, com uma suposta proposta de obrigatoriedade de celebração nas igrejas; a cristofobia, dentre outros, e; convergentes, porque todos voltavam-se para a ideia de *mal*, corporificado pelo comunismo e pelo diabo, numa clara associação entre ambos.

A ideia de comunismo – e não o comunismo propriamente dito – se tornou para além de uma ideologia política um perigo espiritual.

“O diabo é comunista” – disse-me o missionário André, afirmando o que foi dito no grupo – “E o PT quer implantar o comunismo no Brasil. Se o PT ganhar [a eleição] o Brasil vai virar uma Venezuela”. Nesse sentido, há um sentimento urgente de guerra, uma batalha em curso pelas famílias e pelos valores cristãos ameaçados pela sombra do comunismo, compreendido como um sistema satânico perseguidor de cristãos, destruidor de famílias, propagador de imundícies e imoralidades sexuais, difundido e defendido pela esquerda, que, naquela conjuntura política, é personificada pelo Partido dos Trabalhadores, com articulação de outras instituições, a exemplo das universidades públicas, da mídia, sobretudo, da Rede Globo de Televisão, e pelo Poder Judiciário, em especial, do Supremo Tribunal Federal (Menezes, 2022). Trata-se de “um plano de Satanás”, nas palavras do missionário, para desencaminhar, desviar e, se possível, corromper os eleitos, os santos, os escolhidos e os predestinados por Deus².

² Tal aspecto chama a atenção por, mesmo antes das eleições de 2018, expressiva quantidade de material sobre comunismo, marxismo e marxismo cultural e sua relação com o cristianismo vem sendo produzido no *YouTube*, *blogs* e redes sociais (Menezes, 2022). À guisa de exemplo, postagem feita, em seu perfil no Facebook, do pastor Renato Vargens, uma das referências para o grupo citado, sem quaisquer referências acadêmicas ou históricas, afirmou que: “Marx foi um vagabundo que não trabalhava e que foi sustentado anos a fio pela mulher. Se não bastasse ser sustentado pela esposa, o ídolo das esquerdas a traiu com a empregada, (governanta e amiga íntima de Jenny) e teve um filho bastardo chamado Freddy que foi adotado por Engels. [...] morreu aos 64 anos completamente endividado. No seu enterro não apareceram sequer 15

Tal aspecto chama a atenção por, mesmo antes das eleições de 2018, expressiva quantidade de material sobre comunismo, marxismo e marxismo cultural e sua relação com o cristianismo vem sendo produzido no *YouTube*, *blogs* e redes sociais (Menezes, 2022). Em campo, observei a incorporação de termos outrora alheios à esfera evangélica como *esquerdopata* e *comunista* sendo utilizado em substituição a outros de uso mais restrito como *herege* e *liberal*, aqui empregado em seu sentido teológico, para atacar a opositores de dentro e de fora da igreja. No mais, Marx, marxismo e comunismo passaram a aparecer com alguma frequência em sermões e em outras atividades da igreja.

As observações e considerações neste artigo resultam de pesquisa realizada entre os anos de 2017 e 2022, na qual se investigou grupos e comunidades cristãs evangélicas, em especial, de perspectiva teológica reformada. Essa escolha foi motivada por três razões: um, há uma ampla gama de estudos socioantropológicos dedicados aos pentecostais e neopentecostais, mas um menor número dedicado aos evangélicos tradicionais e reformados; dois, um fenômeno percebido desde meados de 2009 de adesão de jovens, sobretudo a partir de deslocamentos no campo evangélico, a doutrinas calvinistas, fenômeno conhecido por ressurgência calvinista³, e; três, o acesso do pesquisador a essas comunidades, vez que sua trajetória pessoal percorre esses deslocamentos de denominações e crenças exotérico-cristãs a crenças calvinistas, o que motivou a investigar as transformações de natureza política que passaram a ocorrer.

Por sua vez, o contato foi feito com membros de igrejas presbiterianas em pequenas cidades nos estados da Bahia, Paraíba e Pernambuco. Além disso, conversei e entrevistei membros dessas comunidades, em ambientes formais/religiosos e em momentos informais, observando e registrando, a partir de técnicas de inspiração etnográfica, esses encontros. Disso resultou pesquisa qualitativa, com método interpretativo de análise.

Em tempo, foi aplicado questionário com perguntas diversas, construído a partir de percepções que me levaram a intuir um processo de sacralização do político dentro das comunidades evangélicas. Foram obtidas um total de cento e vinte e seis respostas entre

pessoas, e sua obra maldita teria sido esquecida se um russo de nome Vladimir Lênin, não tivesse tido contato com ela. Sua obra é um desserviço ao mundo! O comunismo é a prova disso”.

³ Por ressurgência calvinista entende-se o movimento de expansão experimentado pelo calvinismo em diversos países. Apesar de não haver consenso quanto ao nome, é certo que essas primeiras décadas do século XXI tem testemunhado o avanço do calvinismo na esfera religiosa, mais precisamente, a do evangelicalismo. Esse fenômeno se caracteriza pela adesão – ou conversão – ao calvinismo de jovens vindo de outras denominações – como no caso brasileiro, do pentecostalismo e neopentecostalismo –, pelo amplo uso das mídias digitais e por ser conservador (Hansen, 2019; Vermurlen, 2020; Peixoto, 2021).

cristãos evangélicos, mapeando-se alguns marcadores sociais como gênero, posicionamento político, escolaridade, bem como aspectos teológicos, traçados a partir de categorias nativas, em especial, a pertença a uma denominação e a orientação soteriológica.

Essas técnicas de coleta propiciaram a construção de um panorama empírico, cujos dados foram analisados a partir de técnicas interpretativas, tendo por esteio os aportes teóricos da Sociologia Cultura de Jeffrey C. Alexander; de autores da Antropologia, à guisa de Geertz, Turner e Douglas, e; autoras e autores da Sociologia, em particular, os que se debruçam sobre o evangelicalismo brasileiro.

2 Onde há diabo há sistema

O imaginário cristão tem no diabo a figura do adversário – aliás, esse é o significado do termo *Satanás* –, o opositor de Deus, o pai da mentira, o acusador, aquele que veio para matar, roubar e destruir.

Conforme a tradição cristã, o diabo é, em seu propósito, corruptor, e de natureza multiforme. Desse modo, pode adquirir formas diversas e variadas, o que garante a sua adaptabilidade em épocas e contextos diversos⁴. Esse aspecto é relevante por duas razões, reforça a necessidade de uma conversão – como rito de passagem, e possibilita atribuir sentidos diversos ao diabo, que ao assumir diversas formas, posições e características, mantém sua essência maligna.

O diabo incorpora o mal em diferentes épocas, sociedades e contextos, sem, contudo, desassociar-se dessa ideia do mal, daquilo a ser evitado, do que é impuro e perigoso. Tal associação é imprescindível à compreensão do que é o *bem*, servindo o diabo como norte na bússola moral cristã, tão ou mais importante que seu opositor divino. Por essa razão, é possível reconhecer o caráter sagrado de Jesus, enquanto manifestação do bem, e de Satanás, enquanto manifestação do mal, e, nesse aspecto complementar (Alexander, 2003).

Portanto, onde há diabo há sistema. Tomando de empréstimo a tese de Mary Douglas (2014, p. 50), onde há sujeira há sistema, a saber, “um subproduto de uma

⁴ O apóstolo Paulo, em sua segunda epístola aos coríntios, adverte que ele, Satanás, e seus demônios podem se transfigurar em anjo de luz, revestindo-se de bondade, operando milagres e maravilhas apenas para ludibriar, enganar, desencaminhar os fiéis do caminho da verdade, justiça e vida – cf. 2Coríntios 11.14-15: “Mas não me surpreendo. Até mesmo Satanás se disfarça de anjo de luz. Portanto, não é de admirar que seus servos também finjam ser servos da justiça. No fim, receberão o castigo que suas obras merecem” (Bíblia, 2016, s. p.).

ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados”, defendendo que o diabo ao corporificar o mal – o sujo – corrompe as boas ações realizadas antes da conversão ou por aqueles que as realizam sem o selo do santificado, do puro, do crente.

Não importa se os atos anteriores à conversão são ou não moralmente reprováveis. Não há distinção entre o pior pecador e sujeito bondoso e honesto, pois fora de Cristo não há salvação, apenas perdição. Quem não está com Deus está com o diabo. Quem está com Deus está purificado, como declara os versos de um hino tradicional entre os evangélicos: “Alvo mais que a neve/Alvo mais que a neve/Sim, nesse sangue lavado/Mais alvo que a neve serei”. O sangue de Jesus, vertido na cruz, tem poder restaurador, purificador, transformando o que antes era sujo em puro. Aqui termos “lavado” e “alvo” – remetendo a uma brancura superior à da neve – são articulados para transmitir a ideia de segurança e pureza, alcançáveis apenas por meio da conversão ao cristo, sem meio-termo, sem ambiguidades⁵. O diabo nesse sistema representa a sujeira, o pecado, o mal, a perdição e danação eternas e tudo associado a ele é entendido como perigoso, mundano – pois “o mundo jaz no maligno” (Bíblia, 2016, 1João 5.19) – e, portanto, a ser evitado, combatido e redimido por meio do cristo.

Há dois campos distintos e complementares em conflito contínuo. Esse cristianismo incorpora um *modus operandi* beligerante, segundo o qual é preciso vencer o inimigo – tanto interiormente, por meio de disciplinas espirituais (jejum, oração e leitura bíblica), quanto exteriormente, com enfrentamento do *mundo*⁶, onde Satanás reina com seu séquito de demônios.

⁵ O ambíguo é diluído na pessoa do diabo, que emerge como representação do sujo, contrapondo-se ao puro – ou santo, nos termos evangélicos (Douglas, 2014). Se o cristo é a encarnação da bondade e pureza (ou santidade), pois nele não havia mácula ou defeito (Bíblia, 2016, 1Pedro 1:19), o diabo encarna o falho, o falso, o totalmente defeituoso, o impuro. Se o cristo encarna o sacrifício aceitável e definitivo a Deus, pelo qual se opera o mistério da reconciliação, transformando o ímpio em santo, a criatura em filho de Deus; o diabo, por sua vez, encarna o que deve ser evitado, o que desagrada ao divino, e, zomba e tenta, junto a seu séquito de anjos decaídos, à igreja de Jesus Cristo, buscando-a corromper e desviar do caminho da retidão de formas astutas e habilidosas. No cristo há salvação; no diabo, perdição. No cristo há segurança; no diabo, insegurança. No cristo há beleza; no diabo, feiura. No cristo há bondade e iluminação; no diabo, maldade e escuridão. Jesus é o caminho, a verdade e a vida; o diabo é o desvio, a mentira e a morte. Em cristo há certezas; no diabo, dúvidas, e questionar é um sinal do maligno.

⁶ O termo mundo, a partir da teologia cristã protestante, é comumente interpretado em três sentidos específicos: a) o cosmológico, enquanto planeta Terra – “Por meio de tudo que ele fez desde a criação do mundo, podem perceber claramente seus atributos invisíveis: seu poder eterno e sua natureza divina. Portanto, não têm desculpa alguma.” (Bíblia, 2016, Romanos 1:20); b) o antropológico, referindo-se à humanidade, como na conhecida passagem do Evangelho de João: “Porque Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Bíblia, 2016, João 3:16), e; c) o axiológico, enquanto sistema corrupto, de valores distorcidos, maléficos, imorais – “Sabemos que somos filhos de Deus e que o mundo inteiro está sob o controle do maligno.” (Bíblia, 2016, 1João 5:19). Este, o sentido mais difundido e articulado.



O convertido foi arrancado, ou melhor, desligado do mundo (sistema de valores). Há um processo de morte e ressurreição, uma transformação da velha natureza escrava do pecado para uma outra redimida pelo sacrifício vicário do cristo, e nada menos que a própria vida é aceitável para quem deu a própria vida para livrá-lo do mal – uma vida por outra. A conversão constitui-se num ato de entrega do fiel, de ruptura, de renúncia a uma vida movida por valores, pensamentos, sentimentos e ações fora do plano divino. Por outro lado, Deus opera libertação da morte eterna e das paixões em que o fiel estava – consciente ou inconscientemente – imerso, o que é demonstrado pela adequação do fiel à cultura e práticas culturais do grupo, pela postura de obediência a Deus, aos preceitos da igreja e à autoridade eclesiástica, desligando-se do sistema corrupto e corruptor do mundo – que, na prática, é demonstrada por uma mudança de hábitos, podendo ir desde a música que escuta, a roupa que veste, as amizades que abandona, as tensões na relação familiar e a priorização das atividades religiosas em detrimento de outras entendidas como superfluas, secundárias e mundanas –, marcado pela besta, dominando pelo diabo.

A conversão enquanto rito de passagem é marcada por ato de confissão pública, no qual se reconhece a condição de pecador – *separado de Deus* – e se admite a necessidade de Jesus Cristo enquanto senhor e salvador, quando passa de criatura a filho de Deus, uma nova criatura, um santo – *separado para Deus*. É disruptivo ao dividir a experiência pessoal em antes e depois. O *antes* pertence ao território do maligno, do diabo, quando mesmo as boas ações, moralmente alinhada aos preceitos evangélicos, encontram-se maculadas, e sem a redenção oferecida pelo cristo não há nada que se considere suficientemente bom. Por sua vez, o *depois*, quando o fiel se converteu, tornando-se, portanto, crente, separado *para Deus*, deixa de pertencer àquela realidade, e deve provar-se continuamente no exercício de práticas prescritas e aceitas pelo grupo, deve, portanto, tornar-se um deles.

Há uma dada sociabilidade imposta, qual deve ser experimentada e consolidada, sob pena de exclusão, tanto de modo mais brando quanto, em casos extremos, de desligamento do membro da comunidade dos santos, a eclésia, a igreja. Nesses casos a sua identidade cristã é questionada e/ou reprovada. O crente está numa tensão constante, sob a vigilância de uns sobre os outros, que é o que sustenta a harmonia e constrói certa estabilidade do grupo. Sem um inimigo a enfrentar os laços de solidariedade fragilizam-se. Desse modo, estabelece um vínculo entre o fiel e sua comunidade de fé.

Por ser rito de passagem resulta em mudança de *status*, separando o convertido do mundo, porém, sem integrá-lo imediatamente à estrutura da igreja, estabelecendo assim

um período liminar (Turner, 2015). De início, ao menos em termos performativos, constitui-se em ato responsivo – como o levantar de mãos após um apelo feito por um pregador ou algum outro sinal – que explicita a decisão do fiel, a sua confissão, rejeitando ao pecado e ao mundo e recebendo ao cristo como seu senhor e salvador, o que, em geral, é reforçado por sua vinda a frente da congregação para se apresentar e repetir uma oração de confissão.

Mesmo operando uma separação do convertido ao mundo e, por conseguinte, a sua reintegração ao criador, inserindo-se o fiel à *communitas*, ele enfrentará uma tensão maior, devendo submeter-se ao processo educativo de catequização – ou discipulado –, que promove a incorporação de elementos do imaginário cristão, valores, símbolos, significados, performances, linguagem e ações reconhecidas por aquele grupo como sendo indicativas de uma nova natureza, de um novo nascimento.

Com alguma frequência, esse processo põe o convertido em rota de colisão com outras esferas de sociabilidade. Por vezes, confessar a fé é abandonar de tudo que é interpretado como óbice ao *caminho do Senhor*. Em campo, é comum dizer ao recém-convertido coisas como: “Se prepare o diabo irá se levantar na sua vida”. O confronto é uma evidência de que Deus aprova aquela decisão pessoal e de como isso enfurece o diabo, pois a conversão não diz respeito apenas a Deus, mas ao diabo, porque opera um ganho ao céu e uma perda ao inferno. Portanto, a conversão opera-se num contexto de guerra, e, por conseguinte, evidencia esse ambiente de beligerância num reino espiritual, cujo despojo é as almas dos seres humanos.

Nessa arena, os testemunhos são armas poderosas. Reforçam a decisão e endossam o comprometimento do convertido. Constitui-se, por vezes, de relatos de conflitos – no âmbito familiar, profissional, escolar, universitário – fins de relacionamentos, desligamento de outras instituições e crenças religiosas, dentre outros frequentemente associados à ideia de mudança ou transformação (Bispo, 2019). Esses testemunhos acabam por reorganizar os elementos da vida pessoal do convertido, por meio da construção de narrativas de um antes e depois da conversão, reorganizando, portanto, sua sociabilidade e experiência (Caldeira, 2011).

A Bíblia, enquanto representação das regras e normas do grupo, é peça fundamental para consolidação das narrativas/testemunhos, bem como para o estabelecimento dessa nova sociabilidade. Afinal, são as narrativas responsáveis por comunicar e apreender o sagrado – quer o bem ou o mal sagrado (Alexander, 2003). Ora, narrativas são capazes de criar, organizar e sintetizar a experiência cotidiana, atuando

sobre os modos de pensar e agir e antecipando a ação social ao criar itinerários, formular sentenças, revelar lugares e perigos, demarcando posições delimitadas no espaço, por meio da articulação estruturada de códigos e símbolos compartilhados numa intrincada rede de significados e, portanto, passível de mudanças de significado à luz de novas contribuições simbólicas aptas a alterar outras dimensões da realidade social, por meio de processos de reformulação simbólica a fatos anteriormente conhecidos (Geertz, 2017; De Certeau, 1984; Lima Neto, 2007; Alexander, 2014).

Desse modo, a Bíblia, a “Palavra de Deus”, desponta como “uma categoria ‘hipersementizada’ entre os fiéis, emprestando-se a várias acepções e abrindo espaço para ações que podem durar no tempo, contribuindo para o estabelecimento de uma nova pessoa” (Rabinovich; Costa, 2010, p. 334), de modo a funcionar como instrumento de imposição de autoridade e, nesse sentido, autorizativo ou proibitivo, trazendo certa racionalidade ao conjunto de mudanças e transformações exigidas ao convertido. Opera como um marco ao delimitar a fronteira entre bem e mal.

A narrativa bíblica acerca do diabo associa-o ao mal. Sua primeira aparição se dá a forma de serpente ao convencer a mulher a comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, distorcendo o que fora dito por Deus, ou seja, por meio da mentira, o que lhe atribuiu a alcunha de “pai da mentira”. O caminho do diabo é pavimentado pela mentira, pelo engano, pela distorção às palavras de Deus e com destino certo à danação eterna.

O diabo opera por meio da mentira, e esta, mesmo que nem sempre se oponha à natureza e desejo humanos, conduz à separação de Deus, que é o sentido último da ideia de danação eterna, ou seja, de uma eternidade vivida no inferno, o lugar fora do paraíso e da presença de Deus, como preconizado na sentença divina Caim, o primeiro homicida (Bíblia, 2016, Gênesis 4:9-20)⁷.

Ao assumir múltiplas formas, pode-se afirmar que o mal se manifesta igualmente em múltiplas formas – todas encarnadas na pessoa do diabo. O diabo é a encarnação do mal, o maligno sobre quem as Escrituras advertem, o condenável, porém astuto – sua agência é desviar, condenar e, se possível, enganar aos santos. Essa característica constitui

⁷ Como afirma John Piper (2016, tradução livre), teólogo calvinista e pastor batista: “‘Quando ele [o diabo] profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.’ (João 8.44). A primeira vez em que Satanás aparece na Bíblia, em Gênesis 3, as primeiras palavras em seus lábios são de dúvida quanto a verdade (‘É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?’). E as segundas palavras em seus lábios foram de uma falsidade sutil (‘É certo que não morrereis’). João diz que Satanás ‘jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade.’ (João 8.44). Estamos lidando com a essência da falsidade e do engano”.



um importante recurso à retórica e moralidade cristã, uma vez que força da salvação de Jesus Cristo cresce à medida que o fiel se torna mais consciente dos perigos representados pelas evidências da agência do diabo.

Salvação e danação são, portanto, interdependentes. Para cada valor existe um *antivalor* equivalente e oposto, bem como para cada norma há uma *antinorma* equivalente e oposta; para cada esforço de institucionalização do bem e do justo conformando-o a imagens socialmente inspiradas há um outro equivalente para a construção social do mal como o hediondo, o horrendo, o tenebroso e o assustador (Alexander, 2003).

Jesus e o diabo são opostos e equivalentes. A compreensão de um depende da compreensão do outro. A oferta de salvação vinda de Jesus Cristo só pode ser compreendida à luz da danação eterna. Quanto mais tenebroso o inferno mais reluzente será o paraíso. O amor a Deus cresce à medida em que se teme ao diabo. Em “termos morais, explorar o mal hediondo é o único meio para compreender e experienciar o puro e o justo” (Alexander, 2003, p. 109). Por sua vez, “em termos sociológicos, os valores do bem só podem ser cristalizados em relação aos valores que são considerados temíveis ou repugnantes” (Alexander, 2003, p. 111).

Com a Ilustração, sobretudo a partir de Kant, o bem “mudou do ético para o moral, do particular e local para o universal e transcendente” (Alexander, 2003, p. 112). Nesse sentido, passa a ser o comunitário, aquilo em prol do bem comum. Os interesses pessoais, em especial, em detrimento do comunitário passa a ser considerado como mal, imoral. O bem desponta como o cultural, e o mal como o que está fora da cultura. Por sua vez, a Modernidade articula outros valores – como autonomia, solidariedade, racionalidade, democracia etc. – que podem ser associados ao bem e ao mal, reconhecendo aquilo que é cultural como bom. Em contrapartida, o passional, o espontâneo, o instintivo, o irracional, tido como não cultural, é associado ao que é mal.

De modo geral, essa perspectiva é herdada do Judaísmo e do Cristianismo, segundo os quais, o bem se origina de uma fonte transcendental, extramundana, o que exige do fiel não apenas o esforço de resistir às tentações, aos prazeres mundano, associado aos impulsos, aos desejos e ao passional, mas também a ligação com uma fonte inesgotável da bondade e justiça. Por isso, que atos de bondade e justiça são considerados ineficazes caso desconectados da fonte. Assim, fora de Cristo, não há salvação; fora de Deus, há apenas o mal.

3 O que há no mundo não vem de Deus

Segundo a tradição teológica protestante, todas as ações humanas estão maculadas pelo pecado original, que consiste no ato de desobediência de Adão, o primeiro homem, legando à toda a humanidade um estado de separação e inimizade com Deus e, por conseguinte, marcada pelo mal.

Desde a assim chamada Queda, relatada no capítulo terceiro no livro bíblico do Gênesis, quando Eva, tentada pela serpente, percebeu que “a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Bíblia, 2016, Gênesis 3:6).

O pecado original, a saber a desobediência ao mandato divino de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, está estruturado na concupiscência da carne, dos olhos e no desejo por entendimento. Por concupiscência entende-se o pecado que conduz a outros pecados, e a concupiscência é uma das coisas do mundo.

É preciso para vencer a serpente resistir aos desejos carnis, como as pulsões sexuais, o adultério, a sedução, o sexo antes do casamento, o sexo gay, além do sexo anal e do prazer sexual que não consiste na satisfação do cônjuge. A tentação ao que se vê implica na condenação à vaidade, que muitas vezes se desdobra em regras de conduto e de vestimenta, conduzindo a um controle dos corpos, em especial, do corpo feminino.

Por sua vez, o desejo por conhecimento, frequentemente associado à arrogância e à soberba no contexto bíblico, sobretudo quando esta é composta pelo conhecimento secular. Fora de Deus a sabedoria é pecado, provém do diabo, e é frequentemente associada à soberba que antecede à queda. Fora de Deus, o sábio não passa de um tolo. Essa perspectiva teológica, é, por vez, raiz de posturas anti-intelectual dentro do evangelicalismo brasileiro, sendo experimentado em diferentes níveis e formas, variando conforme a denominação.

Ao questionar a cristãos evangélicos se consideravam a universidade uma ameaça aos jovens, 73 (setenta e três) responderam *não*, sendo 26 (vinte e seis) calvinistas; 26 (vinte e seis) responderam *sim*, sendo 06 (seis) calvinistas; 06 (seis) responderam *não sei opinar*, sendo apenas uma entre os que se declararam calvinistas.

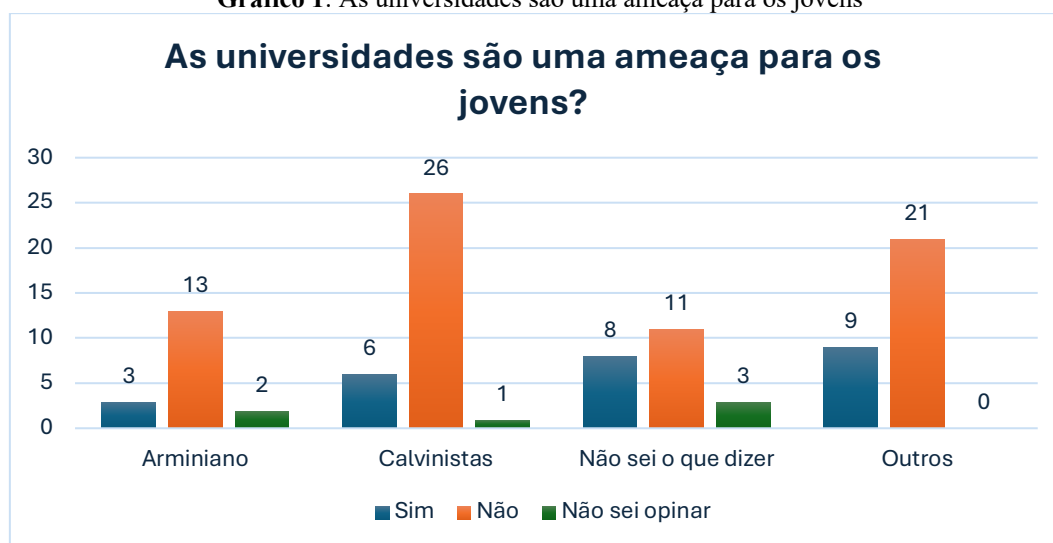
Entre os calvinistas que responderam *não*, 07 (sete) são mulheres, sendo, considerando-se à escolaridade: 02 (duas) com Ensino Médio, 03 (três) com Ensino Superior, 01 (uma) com Especialização, 01 (uma) com Doutorado, e; 19 (dezenove)

homens, sendo 12 (doze) com Ensino Superior, 04 (quatro) com Especialização, 02 (dois) com Mestrado, 01 (um) com Doutorado.

Por sua vez, 26 (vinte e seis pessoas) responderam *sim*, ou seja, que a universidade representa um perigo para os jovens. Destas, 06 (seis) foram dadas por calvinistas, sendo metade do gênero feminino, duas com Ensino Médio completo e uma com Especialização, e a outra metade do masculino, um com Ensino Superior completo e um com Especialização. Apenas 06 (seis) pessoas não souberam opinar, sendo apenas uma entre os calvinistas.

A priori, algumas questões me interessaram. Um, identificar se há diferenças fundamentais entre o modo como os calvinistas e cristãos de outras orientações soteriológicas (arminianos, indefinidos e outros) justificam as universidades enquanto ameaça aos jovens. Dois, se entre os calvinistas, por se tratar de uma teologia que exclui as mulheres dos espaços de liderança, haveria distinção entre as justificativas dos homens e das mulheres, vez que nenhum dos pesquisados, em questionário ou em campo, se declararam, quanto ao gênero, de outra forma. Três, se o nível de escolaridade influencia no modo como responderam entre *sim*, *não* e *não sei opinar*.

Gráfico 1: As universidades são uma ameaça para os jovens



Fonte: elaboração própria.

As respostas não apresentaram diferenças significativas entre calvinistas e não calvinistas. Em regra, consistiam em acusações contra às universidades, em especial às públicas, arguindo se tratar de um ambiente de imposição ideológica – e aqui, ideologia é associado a algo exclusivo da esquerda –, libertinagem sexual e consumo de drogas.

Entre aqueles que responderam ser a universidade uma ameaça aos jovens, os que se declaravam homens e calvinistas responderam que esse perigo se apresenta por meio

de uma “*Vulgarização total sem precedentes*”; “*Por meio da doutrinação ideológica*” e porque a universidade vem “*Implantando todo o tipo de coisa contrária ao que nos foi ensinado*”. Em comum, as três respostas enfatizam o preceito teológico de que o conhecimento de Deus é o princípio de toda sabedoria e que as instituições seculares⁸, a exemplo das universidades, devem convergir ao que é ensinado na igreja em termos morais e ideológicos, e, ao desempenhar papel crítico, questionador e relativista, as universidades figuram como ameaças à fé pessoal dos jovens. Percebe-se, ainda, que enxergam a universidade como espaço autoritário de imposição ideológica.

Quanto à escolaridade dos respondentes, as duas primeiras respostas dadas por homens com Especialização e a terceira apresentou Ensino Superior, ou seja, todos passaram pela experiência do Ensino Superior, porém não há dados se estudaram em instituições de ensino privada ou pública, nem quanto a área de formação. Todos se declaram politicamente de direita e conservador.

Entre as mulheres calvinistas, as respostas foram: “*Ló [sic] jovem está formando sua identidade e tem sido bombardeado com dúvidas e perguntas [sic] que não [tem] maturidade para responder*”; “*Por ser um centro de consumo de drogas, promotora e influenciadora do sexo, pedofilia, aborto, incesto, destruição da família como Deus estabeleceu*”, e; “*As universidades tem [sic] formado militantes e não homens e mulheres melhores*”. A primeira resposta, dada por uma mulher com Especialização, politicamente de direita e conservadora, destaca a ideia de formação de caráter e identidade em jovens com média de 17 anos, ao ingressar no ensino superior, como se estes fossem suscetíveis e maleáveis. De certo modo, aponta uma crença de fracasso nos processos de socialização familiar, escolar e religioso, como se a família, a escola e a igreja não tivessem exercido papel no processo de constituição moral, educacional e psicológica desses jovens.

A segunda e terceira respondentes possuíam apenas Ensino Médio, e declaram-se politicamente de direita e conservadoras.

A segunda associa às universidades a centros de consumo de drogas, como se o consumo de drogas fosse comum e/ou exclusivo do ambiente universitário; à promoção institucional de práticas sexuais, incluindo o incesto e a pedofilia, do aborto e da “destruição da família como Deus estabeleceu”, como se estivesse em registros institucionais, em projetos pedagógicos e currículos.

⁸ Por instituições seculares, entende-se todas aquelas sem viés religioso.



A terceira resposta associa o perigo das universidades aos jovens à formação política e ideológica, percebida pela ideia de “formação de militantes”. Além disso, credita às universidades a função de formar “*homens e mulheres melhores*”.

As duas últimas respostas não provêm de experiências pessoais na formação acadêmica, soam mais alinhadas a estereótipos difundidos por políticos e grupos de extrema-direita acerca das universidades públicas (Ares; Villen; Gitahy; Tessler, 2022), uma idealização negativa da universidade que aponta a formas de preconceito e menosprezo ao ambiente e sistema educacionais.

Constatei postura semelhante, sendo, em geral, mais exacerbada entre pessoas que nunca frequentaram o Ensino Superior – tanto no setor privado quanto no público –, sustentando seus relatos e opiniões a partir do que ouvem – de amigos, familiares ou fiéis da igreja. Narram, sobretudo, como os jovens se desviam quando ingressam no Ensino Superior, atribuindo, portanto, às instituições o motivo do desvio.

Variáveis como a hipervigilância moral e religiosa, a excessiva normatização moral, condenando amplamente festas, eventos sociais fora da igreja, programas de televisão e entretenimento, redes sociais, convivência com outros grupos de fé e ideologia diferentes do ambiente religioso – como na escola, na academia e em outros ambientes – possam colaborar para mudanças nos estilos de vida e nos hábitos culturais desses jovens, que ao imergirem em ambiente mais plural, menos vigilante e castrador da universidade encontram mais autonomia, inclusive própria da idade, emancipam-se de certas convenções, vivenciando novas experiências lidas como más por suas comunidades de fé.

Das três respostas obtidas por homens arminianos⁹, autodeclarados como politicamente de direita, sendo o primeiro e terceiro conservadores, declarando-se o segundo como *nem conservador, nem progressista*: “*Me considero liberal no costume pois acho perigoso um governo fiscalizando e multando as pessoas por questão de costumes*”. Contudo, quando questionado sobre às universidades serem uma ameaça para os jovens respondeu afirmativamente, sob a alegação de ser perigosa “*Como qualquer*

⁹ Por arminianismo entende-se o sistema teológico cristão surgido em resposta ao calvinismo ortodoxo, fundamentado nos ensinamentos de Jacobus Arminius (1560-1609), teólogo holandês que reinterpretoou questões como predestinação e livre-arbítrio. Sua teologia, consolidada nos Artigos de Remonstrância (1610), defende que o livre-arbítrio humano permanece capaz de responder à graça divina, ainda que afetado pelo pecado, e a eleição divina é condicional, baseada na presciência de Deus sobre quem aceitaria livremente a fé em Cristo. Esses princípios contrastam com a doutrina calvinista da eleição incondicional e depravação total, marcando um debate central no protestantismo pós-Reforma. Grosso modo, acreditam que a conversão é ato humano, de escolha do homem a Deus, e não um ato exclusivo de Deus por meio da eleição, como creem os calvinistas.



outro lugar”. Quanto à escolaridade, apresenta título de doutor. Os outros justificaram sua resposta arguindo que: “*A sociedade quer fazer valer as suas ideologias*” e “*Não na formação curricular, mas sim nas [sic] influências*”.

Quanto à escolaridade, tem-se, respectivamente, Ensino Médio e Ensino Superior com título de doutor. Diferente das respostas dos calvinistas que apontavam o perigo à universidade, aqui percebem que essa ameaça decorre de um perigo geral, difuso em diversas instituições sociais, ou seja, o perigo oferecido pela universidade deriva desse perigo difuso – composto por fatores exógenos ao ambiente e função acadêmicos –, apresentando, quando muito, esse risco abstrato condensado no que o terceiro chamou de “*más influências*”.

Em suma, a ameaça da universidade aos jovens está inserida nesse projeto social de fazer valer suas ideologias antibíblicas e/ou anticristãs, vez que “*A sociedade quer fazer valer as suas ideologias*”.

Aos que optaram por *outro*, a saber não se consideram arminiano ou calvinista, e responderam afirmativamente ser as universidades uma ameaça aos jovens, perfizeram um número de 09 (nove) respostas, sendo 03 (três) respostas dadas por pessoas do gênero feminino, e 06 (seis) entre os do gênero masculino. Entre as mulheres, todas se declararam de direita, sendo duas como *conservadoras* e uma como *nem conservadora, nem progressista*. No que concerne à escolaridade, apenas uma – de direita e conservadora – tem Especialização, quem disse que “*Devido às ideologias que vem [sic] sendo defendida pela esquerda, que no decorrer dos anos se apossou do ensino, defendendo, no meu ver, o relaxo [sic]*”.

Interessante perceber a associação feita entre o sistema de ensino, incluso aqui as universidades, com o que considera esquerda. As ideologias, consideradas como de esquerda, afinal os conservadores não se enxergam como ideológicos, são nocivas à sociedade. As outras duas possuem apenas Ensino Médio, ambas se declararam de direita, sendo uma *conservadora* e a outra *nem conservadora, nem progressista*. Esta respondeu que a universidade é uma ameaça “*Pelas diferentes opiniões, pelo sistema, pela abordagem de temas, pelas imposições, etc. Digo isto pq [sic] tenho uma sobrinha que estudou na USP e mudou completamente...*”. A experiência pessoal e relacional endossa o argumento exposto sempre no relato da mudança de comportamento e crença de algum de seu círculo de convivência. A mudança – negativa – que percebeu na sobrinha é atribuída exclusivamente ao ambiente universitário.

A outra resposta trouxe algo peculiar, a menção a um passado mítico no qual as universidades eram “ótimas”, isto é, livres de ameaças à fé: “*Antes as escolas e universidades eram ótimas mas hoje às escolas e universidades só tem o que não presta*”. Apesar de não haver definição de quando é “antes”, a ideia de um passado mítico não é incomum aos que se dizem conservadores e de direita, sobretudo, aos mais alinhados ao campo de extrema-direita.

Segundo Stanley (2018), um dos pilares das políticas e/ou políticos fascistas é o revisionismo histórico e a construção de um passado mítico que serve de bússola moral e norte, um tempo áureo em que os inimigos da moral e dos bons costumes, da sociedade capitalista e cristã, não representavam nada além de um leve e momentâneo aborrecimento. Esse passado idealizado, como na resposta, é sempre melhor, superior, mais bonito, ainda quase nunca experimentado por quem fala, mesmo que o diga com certa nostalgia, cheio desse desejo de retornar ao seu esplendor e glória, incitando sentimentos díspares e profundo (Pierucci, 1999; Stanley, 2018). Como salienta Habermas (2015), conservadores – e ultraconservadores – olham para um passado abstrato, lançando nele seus anseios utópicos. Na Modernidade o pensamento histórico se funde ao pensamento utópico.

Em relação aos homens, os dividi em dois grupos: a) o primeiro composto de 03 (três) declarados de direita, sendo 02 (dois) conservadores e 01(um) *nem conservador, nem progressista*. Quanto à escolaridade, apresentam, respectivamente, Ensino Superior, Especialização e Ensino Superior, e; b) o segundo composto igualmente de 03 (três) homens que se declararam de *centro* e *conservadores*, e, quanto à escolaridade, com Ensino Médio, Ensino Superior e Especialização.

Uma das respostas dada no segundo grupo, pelo primeiro respondente, aponta a um certo caráter predatório das universidades, tornando suscetível jovens com formação doméstica precária: “*Como a universidade é um lugar de livre pensamento e em casa os moços, comumente, não recebem princípios, torna-se presa fácil*”. Aqui as universidades despontam como ameaça não a qualquer jovem, mas apenas àqueles sem uma sólida educação doméstica, sem princípios. Não é que o ambiente universitário esteja desprovido de perigo, mas há uma maior vulnerabilidade de quem não encontrou lastro familiar, apontando a uma corresponsabilidade pelo desvio de seus membros.

Numa igreja presbiteriana, em uma cidade pequena no interior nordestino, constatee essa relação entre as universidades – como corruptoras e predadoras – e a ausência de valores familiares rígidos e sólidos para manter o fiel resistente a esse

aliciamento. Um dos membros da denominação, a quem chamarei Jarbas, relatou, com pesar, sobre um jovem a quem tinha evangelizado e que, por alguns anos, frequentou aos cultos, um rapaz branco, de classe média, um tanto tímido, com idade entre dezoito e dezenove anos, e que se desviou um tempo após iniciar o curso de Engenharia Elétrica num Instituto Federal. Quando perguntei ao que atribuíra o fato de ter se desviado, respondeu:

Foram as influências no IF. Começou a querer beber, sair com as meninas. Você sabe, né, como é? Cara nessa idade, cheio de hormônios, querendo transar e tal. E começou a questionar umas coisas da igreja. Influenciado por esses professores marxistas de lá.

Quando perguntei a Jarbas o que seria marxismo, ele sorriu, tentou desconversar e, um tempo depois, disse: *“Você sabe como é, né? O Brasil estava sobre o comunismo do PT e as universidades estão tomadas pelos comunistas. É sexo, é droga, é ideologia de gênero e tudo que não presta”*. Segui a conversa com ele: *“Mas você acha que se desviar um problema das universidades ou da pessoa? Você acha que um aluno é uma casca vazia e o professor faz com ele o que quer?”*, ao que respondeu: *“Não, eu sei que não, mas a pessoa é influenciável, e quando os pais não são convertidos aí é bem pior, porque a pessoa não tem uma base sólida, sabe?”*. Questionei se não seria uma questão de fracasso da igreja e, de pronto, me acusou de querer defender os professores porque eu também sou um professor, o que impossibilitou que continuássemos no mesmo tema.

Dois aspectos se destacam: a igreja nunca é responsável pelo desvio de seus membros, pois tanto a ausência de base sólida quanto o caráter predatório, apontados como causas do desvio dos jovens são alheias à igreja, sendo, respectivamente, da família e da universidade, e; uma base moral sólida só pode ser proveniente de uma família cristã evangélica. Quem foi criado em lares não evangélicos – de formação católica, umbandista, candomblecista, ateu etc. – não pode prover a seus filhos uma base de valores e princípios que possam preservá-los das ameaças do sistema educacional.

A segunda e terceira respostas enfatizaram o aspecto ideológico e na atuação dos professores: *“Porque os professores muitas vezes deixam de ensinar o conteúdo pedagógico para ensinar ideologias”* e *“Quando sai mais enfoque as ideologias do que ao próprio aprendizado”*. A “ideologia” desponta outra vez como a causa do desvio. O papel das universidades, frequentemente associada à esquerda – dito no singular porque poucas vezes identifiquei no campo o uso do termo *esquerdas* – é, portanto, incutir na cabeça dos estudantes suas ideologias anticristãs, ou seja, serve a um trabalho de



doutrinação dos jovens, o qual em sua eficácia promove o desvio dos jovens evangélicos de suas crenças.

Ao se identificar como de direita e conservador, as respostas obtidas apontam que as universidades se constituem em perigo aos jovens pelo uso de exemplos antibíblicos, ou, como dito, *“Exemplos fora do evangelho”*; bem como da influência dos professores (*“Professor influência [sic]”*). Por sua vez, aquele que se declarou de direita, porém *nem conservador, nem progressista*, trouxe justificativa mais incisiva: *“infelizmente [sic] os professores na sua grande maioria tem [sic] um ideal de esquerdista, que defendem muitas ideias que foge o princípio [sic] bíblico. Conheço aluno que apresentou ideias contrárias [sic] e é perseguido por professores”*. Destaco que esse argumento, o de perseguição por professores, foi ouvido em diferentes momentos e contextos, sem, contudo, se esclarecer como essa perseguição se deu, tampouco em qual o papel do aluno supostamente perseguido nessa relação.

Constatei em situações diversas uma resistência a verdades científicas, a apresentação de dados que contrariem suas posições profundamente enraizadas e, por vezes, anacrônicas.

Em um jantar de aniversário, durante uma conversa, Wilson, militar e evangélico presbiteriano, com nível superior, casado e pai de dois filhos, entusiasta do bolsonarismo, disse que *“Quando as meninas menstruam já estão prontas para casar”* e que *“Depois que elas menstruam não tem quem segure”*, que *“é melhor elas casarem, porque o problema das famílias hoje são as mulheres que querem priorizar a carreira, os estudos, ao invés da família”* e *“o que o feminismo empurra pra essas meninas é que elas não devem casar, que devem ser independentes e não deve obedecer ao marido”*. Deixei claro a minha discordância apontando dados científicos que demonstravam o equívoco de sua posição, ao que respondeu: *“Que se dane a ciência! Isso é Bíblia”*. E, para não dizerem que fugi ao tema da universidade, ele também alegou que *“A universidade é esquerdista! Só tem marxismo e essas coisas, você sabe disso”*.

Há quem não soube como se identificam em termos religiosos (as opções eram *calvinistas, armenianos, outros e não soube opinar*). Foram 08 (oito) respostas, sendo 05 (cinco) entre pessoas do gênero feminino e 03 (três) do masculino, que se declararam como politicamente de direita e conservadores. Um deles não ofereceu justificativa, e os demais enfatizaram questões axiológicas e a difusão do socialismo entre os alunos, a conferir: *“DESCONSTRUÇÃO DE VALORES MORAIS, RELIGIOSOS E FAMILIARES”* e *“Pensamento socista [sic] e jovens evangelicos [sic] fracos na sua fé”*.

Entre as respostas do gênero feminino, 02 (duas) se declararam politicamente de centro e conservadoras, uma delas apresentou Especialização e a outra Ensino Superior, deixando subentendido em sua justificativa ter sido aluno de Instituição de Ensino Superior privada:

As experiências que já ouvi de alguns amigos que estudaram em universidades públicas, acendem um alerta sobre libertinagem excessiva, livre uso de drogas, sexo sem compromisso, entre outros. Jovens que não estão bem instruídos sobre pressões de grupo podem facilmente cair em armadilhas de más influências.

Aqui se faz uma distinção que também percebi em campo, a ideia de serem as instituições privadas campo da esquerda. Juliana, formada numa IES privada, que atuava como intérprete de LIBRAS numa congregação da igreja presbiteriana, confidenciou em uma aula da escola bíblica dominical (EBD) da qual participei, que na durante o seu curso apenas alguns professores eram “esquerdistas”. Disse ainda que “*Alguns deles eram ateus, com certeza. Falavam coisas contrárias à nossa fé, e faziam provocações, tipo, zombando de quem acreditava em Deus*”.

Luana, que cursa doutorado numa universidade federal na Paraíba e esposa de pastor presbiteriano, relatou sentir-se “acuada” em algumas aulas, chegando a questionar um aluno cristão protestante, também na pós-graduação na mesma instituição, se nunca sofreu “preconceito por ser cristão”, que respondeu acreditar que não, e se sofreu não lembrava ou não teria percebido, mas que nunca tinha chegado dando “carteirada de crente”, que conquistava respeito pelo seu desempenho e quando sabiam que era crente isso acabava sendo uma coisa secundária, mas que era comum dizerem algo como “Mas como assim você é crente? Você é tão inteligente!”, reforçando achar graça nessa associação feita frequentemente entre burrice e evangelicalismo e ateísmo e inteligência, com se o fato de ser ou tornar-se ateus fizesse alguém automaticamente mais inteligente. Esse sentimento de perseguição, acumamento e o reforço a estereótipos quanto aos cristãos evangélicos é comum dentro das igrejas e na experiência de alguns estudantes universitários evangélicos com quem conversei. Isso reforça e endossa o discurso de ameaça e desconfiança evidenciado no campo evangélico.

A segunda justificativa, dada por uma mulher politicamente situada ao centro, conservadora e com Especialização, sustenta que as universidades ostentam “*valores humanistas que excluem Deus e os valores da sua Palavra*”.

Dentre aquelas que se declararam de direita, sendo duas conservadoras e uma nem conservadora, nem liberal, e, quanto à escolaridade, respectivamente, apresentaram

Ensino Superior, Ensino Superior e Especialização. Esta se justificou afirmando que o perigo das universidades para os jovens está na imposição doutrinária (“*Pela doutrina imposta*”), embora sem apresentar qual doutrina está sendo imposta. Frise-se que o termo usado – “doutrina” – é comum no campo religioso, aplicando-se às ideias e ideologias que sustentam suas crenças, inclusive sendo comum entre os encontros semanais o chamado *culto de doutrina*, apesar de estranho ao campo político.

As outras duas justificativas estão assentadas no suposto aliciamento dos jovens, sob o exercício de uma má influência, não diferindo de outras respostas de mesma natureza apresentadas: “*Entram imaturos e [se] deparam com um universo de informações e lavagens cerebrais onde, o jovem, que não está preparado p [sic] enfrentar acaba sucumbido*” e “*Estimulam a experimentar, ousar, atrever a romper preconceitos, religião e romper com conceitos e costumes morais*”.

Em mesmo sentido, João Silva, pastor presbiteriano, 41 anos, casado, pai de dois filhos, preferiu matricular o filho no Ensino Médio em uma escola particular e com forte apelo católico a matriculá-lo no Instituto Federal em que fora aprovado. Na cidade em que o pastor reside, o IF ficou conhecido por ser um “*antro de prostituição e lesbianismo*”, conforme relatou. Elias, pastor da Igreja Quadrangular, 44 anos, também proibiu o filho de cursar Direito numa universidade estadual, optando pela matrícula numa instituição privada. Quando questionei o motivo, respondeu:

As universidades públicas estão cheias de professores comunistas que estimular o homossexualismo, o fim da família, a perseguição aos crentes, ideologia de gênero. Eles convencem os alunos com um discurso bonito, polido, e quando você percebe seu filho já não é mais o mesmo.

Além do fato de serem pastores, se declaram de direita, conservadores e apoiadores do presidente Bolsonaro. Enquanto o pastor da Quadrangular, e arminiano, manteve-se mais discreto, o pastor João Silva, calvinista, mobilizou fiéis de sua congregação igreja a votarem em Bolsonaro, acirrando tensões preexistentes com membros do conselho da igreja, além de ter sido bastante ativo nas redes sociais compartilhando inclusive conteúdos inverídicos – *Fake News* – largamente difundidos por grupos bolsonaristas. Durante o período da pesquisa, participou de grupos de *WhatsApp* com outros pastores presbiteriano, do qual conseguiu um ou outro relato – contudo, não consegui acesso para confirmação –, postou foto fazendo arminha, dentre outras posturas, associando, por vezes, a sua autoridade pastoral e espiritual para lidar com temas e posicionamentos político-ideológicos.



A par desses dados, uma das primeiras percepções é a de que os cristãos protestantes, quer *arminianos*, *calvinistas*, *outro* ou *não soube opinar*, quando se declararam como de esquerda não viram a universidade enquanto ameaça aos jovens, e entre os que se declaram de centro se disseram mais alinhados à direita, exceto uma resposta mais alinhada ao centro. Note-se, ainda, que nenhum daqueles que se declararam progressistas viram a universidade ameaçadora.

4 Considerações Finais

Como visto, protestantes (arminianos, calvinistas ou outros) de esquerda não viram a universidade como ameaça, enquanto os de centro tenderam à direita, que a entende como ameaça, diferente dos que se declararam progressistas.

Em parte, isso se deva ao sentido dado ao conservadorismo, compreendido não como ideologia, mas como qualidade intrínseca do Cristianismo, uma de suas características inatas, tornando o “ser conservador” em sinônimo do “ser cristão”.

Apesar da dificuldade conceitual, a relação entre conservadorismo e religião permanece firme¹⁰. Kirk (2021) diz que “não poderia haver conservadorismo sem uma base religiosa, e, em nossa era, são os conservadores que majoritariamente defendem a religião”, e invoca os pais fundadores dos Estados Unidos enquanto homens religiosos para associar que as bases em que se assentam a nação são o conservadorismo e o cristianismo¹¹, o que corrobora a crença difundida entre evangélicos e protestantes de que a sabedoria fora de Deus é engano, por conseguinte, toda a bondade e todo o conhecimento científico deve ser posto a serviço da crença, sem oposição ou questionamento¹².

¹⁰ Não qualquer religião, notadamente as grandes tradições monoteístas, como cristianismo, judaísmo, budismo e islamismo.

¹¹ Em suas próprias palavras, “‘Sabemos e sentimos internamente que a religião é a base da sociedade civilizada, e a fonte de todo bem e todo conforto’, escreveu Edmund Burke. [...] o conservador é a pessoa que vê a sociedade humana entre Deus e o homem, e entre as gerações que já passaram, a geração que vive agora e as gerações que ainda estão por vir. É possível conceber tal contrato e ter um senso de dívida para com nossos antepassados e de dever para com nossa posteridade, mas só se, antes, houver um pleno senso de sabedoria e poder eternos. [...] O conservador religioso está convencido de que tem um dever a cumprir diante da sociedade, e de que o governo justo é governado pela lei moral, uma vez que, à sua maneira humilde, o ser humano participa da natureza divina e do amor divino. O conservadorismo acredita que o temor de Deus é o princípio da sabedoria” (Kirk, 2021, s. p.).

¹² Eis um dado que não julguei relevante e por isso não detalhei ou anotei as vezes que ocorreu, mesmo sendo comum à sua difusão nas igrejas. Recordo-me de palestra do Reverendo Augustus Nicodemus Lopes, durante o Encontro da Consciência Cristã, em Campina Grande, no ano de 2014, quando explicando o conceito de graça comum na carta de Paulo aos romanos, disse que Darwin acertou quando constatou a evolução, mas erra ao falar em macro evolução. De igual modo, segundo o reverendo, Marx acertou em várias de suas críticas ao capitalismo, mas erra ao propor uma escatologia sem Deus, negando a natureza



Em campo, percebi, em vários momentos, um desprezo aos especialistas, sobretudo, se envolver temas morais, políticos e/ou sociais, quais, mesmo diante de evidências e dados em sentido oposto a suas afirmativas, ofereciam resistência, mantendo postura de negação e desprezo ao conhecimento secular¹³. A questão é: essa sanha disfarçada de apologética destrói as chances de diálogo?

Encontrei em algumas falas certa frustração, sobretudo ante estratégias de silenciamento, levando quem discorda a calar ante seus opositores, apontando para certo nível de desgaste – local, denominacional e interdenominacional – que, como visto, ultrapassa perspectivas teológicas e está calcado mais na ausência de aportes científicos e culturais que nas crenças essencialmente teológicas.

Foi instaurado em várias congregações, desde as eleições presidenciais de 2018, uma atmosfera hostil, perceptível aos membros e bem demarcada por aquilo que já não se podia dizer¹⁴.

De modo geral, aqueles que tentaram contestar com fatos e argumentos científicos a essa narrativa dominante, politizada e sacra, acabou sendo rebatido, atacado, perseguido

decaída do humano maculada pelo mal, propondo um paraíso terreno e comunista. Essa revelação é dada por Deus, compõe a revelação geral, isto é, a revelação de Deus por meio da criação. Assim, o que excede a essa revelação não vem da parte de Deus.

¹³ Nesse sentido, declarou Jonas, nome fictício dada a um presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil, no estado da Bahia: “Existe uma convergência entre o que é político e o que é religioso. [...] O processo político das eleições gerais agora em 2018, é um processo que foi bem diferente. A igreja evangélica brasileira, porque as pessoas anteriormente tinham até um partido, tinham até uma preferência, mas isso não em ares institucionais. Mas nas eleições 2018 a gente viu igrejas aderirem institucionalmente. A minha igreja não aderiu institucionalmente. Igrejas neopentecostais declararam voto aberto, e igrejas tradicionais pentecostais, sim, como Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, mas igrejas como a Igreja Presbiteriana fizeram coro, de forma um pouco mais contida, mas fizeram coro. Eles não abriram a carta, não tiveram por meio de seu presidente a declaração de apoio a um candidato, mas a gente via que as orientações eram de buscar algum candidato que tivesse afinidade ou proximidade com os princípios cristãos [pausa]. E ao que eu vejo, [balança a cabeça sorrindo] nenhum deles. Mas a igreja adotou um, né? A igreja evangélica brasileira, pelo menos a que [pausa], é hegemônica, e muitos, ela adotou um candidato oficial, que é o Jair Messias Bolsonaro. Então, nessa perspectiva, até hoje tem quem defende com unhas e dentes sobre qualquer evidência de que ele é uma pessoa limpa, pura, que foi um homem separado por Deus, que reflete os valores cristãos e que é mal compreendido pelo establishment, e é por isso que o perseguem, e não pelas práticas de crime que ele e sua família tem realizado. Então assim, isso tem tudo a ver com a igreja porque essa é a visão que a igreja forjou na membresia. Os membros foram forjados com a concepção de que Jair Messias Bolsonaro é um enviado da parte de Deus”.

¹⁴ Tal hostilidade é mais nítida no embate gerado em congregações cujos líderes já não conseguiam discernir o seu posicionamento teológico de sua ideologia política. Ao comparar a postura entre dois pastores presbiterianos atuando na mesma cidade, no interior da Bahia, ambos declarados de direita e conservadores, deixando claro a todas as suas escolhas políticas, com uso de “retórica anticomunista”, embasada no conteúdo produzido por canais on-line como *Terça Livre*, *Brasil Paralelo*, *Augusto Nunes*, *Jovem Pan*, *Olavo de Carvalho* e outros grupos bolsonaristas em redes sociais virtuais – notabilizados pela difusão de desinformação (Freixo; Pinheiro-Machado, 2019), sendo um deles mais aguerrido, inclusive nas atividades eclesiais e outro pouco mais discreto. A diferença de postura, contudo, não fez diferença ao clima de animosidade e tensão entre membros com posicionamentos políticos diversos.



e, em casos mais extremos, excluído de cargos ou do convívio comunitário. Importante salientar que do mais simples ao mais absurdo pode ser relativizado, revisto e reelaborado para se conformar à sacralização política no evangelicalismo de direita, sendo creditado ao diabo.

Recorrer à Bíblia torna-se um meio de desfazer o argumento contrário sem a necessidade de argumentar, porque tudo se resume a invocação da autoridade bíblica enquanto Palavra de Deus legada à humanidade. Contra a Bíblia não há argumentos, crendo-se fora da cultura e, portanto, não se sujeitando ao tempo e espaço. Desconsideram, portanto, que a Bíblia é, em verdade, a verdade de seus intérpretes. Assim, resta àqueles que a ela se opõe o lugar de trevas, do engano, da mentira, da loucura, a saber, do diabo.

Referências

ALEXANDER, J. C. A cultural sociology of evil. In: ALEXANDER, J. C. **The meanings of social life: a cultural sociology**. 1st ed. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 109-120.

ALEXANDER, J. C. Entrevista concedida a Alexandre Werneck, Antônio Brasil Jr., Cristina Buarque e Marcelo de Oliveira. **Revista Estudos Políticos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 358-378, 2014. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/38906.

ARES, G.; VILLEN, G.; GITAHY, L. M. C.; TESSLER, L. R. Memória e desinformação: os ataques da extrema-direita às universidades públicas brasileiras. **Relações Internacionais**, v. 73, p. 53-66, 2022. <https://doi.org/10.23906/ri2022.73a05>.

BÍBLIA – **Novo Testamento**. Tradução: Nova Versão Transformadora. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2016. 767 p. *E-book*.

BISPO, R. “Deus dá uma segunda chance”: sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 25, n. 54, p. 111-139, maio/ago. 2019. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200005>.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Editora 34; EdUSP, 2011. 400 p.

DE CERTEAU, M. **The practice of everyday life**. Tradução: Steven Rendall. Berkeley: University of California Press, 1984.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. Tradução: Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto. São Paulo: Perspectiva, 2014. 232 p.

FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In: FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. (org.). **Brasil em transe: Bolsonaroismo, Nova Direita e Desdemocratização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 9-24.



GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Tradução: Fanny Wrana. Rio de Janeiro: LTC, 2017. *E-book*.

HABERMAS, J. **A nova obscuridade**. Tradução: Luiz Repa. 1. ed. São Paulo: Edunesp, 2015. 392 p.

HANSEN, C. Still young, restless, and reformed? The new calvinists at 10. **9Marks**, Washington, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://www.9marks.org/article/still-young-restless-and-reformed-the-new-calvinists-at-10/>.

KIRK, R. **Breve manual de conservadorismo**. Tradução: Ulisses Teles. São Paulo: Trinitas, 2021. 136 p. *E-book*.

LIMA NETO, F. C. Cultura como lógica do social: a proposta da sociologia cultural. CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007, Recife. **Anais** [...]. Recife: UFPE, 2007. Disponível em: https://portal.sbsociologia.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1654&Itemid=171.

MENEZES, I. P. **“O mal está no lado de lá”**: sacralização do político e calvinismo no Brasil. 2022. 172 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2022. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/26180>.

PEIXOTO, P. A. S. **A igreja de genebra no Brasil**: a expansão do calvinismo no campo evangélico contemporâneo. 2021. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14964>.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999. 224 p.

PIPER, J. Satan’s ten strategies against you. **Desiring God**. Minneapolis, 4 out. 2016. Disponível em: <https://www.desiringgod.org/articles/satans-ten-strategies-against-you>.

RABINOVICH, E. P.; COSTA, L. A. F. A “palavra divina” como logos separador. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 2, p. 333-341, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/bpCN4xF8ThFJSXTsxVBHzhp/?lang=pt>.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Tradução: Bruno Alexander. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2018. 208 p. *E-book*.

TURNER, V. **Do ritual ao teatro**: a seriedade humana de brincar. Tradução: Michele Markowitz e Juliana Romeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. 186 p.

VERMURLEN, B. **Reformed resurgence: the new calvinist movement and the battle over american evangelicalism**. 1st ed. Nova York: Oxford University Press, 2020. 304 p.

Recebido em: 19 de novembro de 2025.

Aceito em: 23 de junho de 2026.